

Revista
Latino-americana de

**Geografia e
Gênero**

Volume 8, número 2 (2017)
ISSN: 2177-2886

Artigo

As Conveniências do Cotidiano na Trajetória de uma Trabalhadora Transexual

*La Conveniencia de lo Cotidiano en la
Trajectory de una Trabajadora Transexual*

*The Daily Conveniences in the Life of a
Transsexual Worker*

Maurício Donavan Rodrigues Paniza
Fundação Getúlio Vargas – Brasil
mauriciopaniza@gmail.com

Elisa Yoshie Ichikawa
Universidade Estadual de Maringá – Brasil
eyichikawa@uem.br

Marcio Pascoal Cassandre
Universidade Estadual de Maringá – Brasil
mcassandre@hotmail.com

Como citar este artigo:

PANIZA, Maurício Donavan Rodrigues; ICHIKAWA, Elisa Yoshie; CASSANDRE, Marcio Pascoal. As Conveniências do Cotidiano na Trajetória de Uma Trabalhadora Transexual. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 2, p. 350-367, 2017. ISSN 2177-2886.

Disponível em:
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

As Conveniências do Cotidiano na Trajetória de uma Trabalhadora Transexual

La Conveniencia de lo Cotidiano en la Trayectoria de una Trabajadora Transexual

The Daily Conveniences in the Life of a Transsexual Worker

Resumo

Este trabalho tem por objetivo compreender as práticas cotidianas de conveniência na vida de uma trabalhadora transexual. Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa utilizando como método a história oral do tipo de vida. A coleta de dados se deu por meio de duas entrevistas qualitativas realizadas com a participante da pesquisa no mês de dezembro de 2015. A análise dos dados, a partir dos pressupostos da história oral de vida como método, foi realizada à luz do conceito teórico de conveniência. Apesar de a trajetória de vida da transexual pesquisada ter sido marcada pela possibilidade de acesso a contextos organizacionais de educação e trabalho, ainda assim, ela teve e tem sua vida gerenciada e legislada pelas microrrepressões das conveniências do cotidiano.

Palavras-Chave: Cotidiano; Conveniência; Transexual; Trabalho.

Resumen

El objetivo de este trabajo es comprender las prácticas cotidianas de 'conveniencia' en la vida de una trabajadora transexual. Para ello, realizamos una investigación cualitativa utilizando como método la historia oral del tipo de vida. La recolección de datos se dio por medio de dos entrevistas cualitativas realizadas con la participante de la investigación en el mes de diciembre de 2015. El análisis de los datos, a partir de los presupuestos de la historia oral de vida como método, fue realizada a la luz del concepto teórico de conveniencia. A pesar de que la trayectoria de vida de la transexual investigada ha sido marcada por la posibilidad de acceso a contextos organizacionales de educación y trabajo, aún así, ella tuvo y tiene su vida administrada y legislada por las microrrepressiones de las conveniencias de lo cotidiano.

Palabras-Clave: Cotidiano; Conveniencia; Transexual; Trabajo.

Abstract

This study aims to understand the daily conveniences in the life of a transsexual worker. To this end, we conducted a qualitative research using the oral history method. The data collection was carried out by means of two qualitative interviews with the research participant in December 2015. The analysis of data from the assumptions of the oral history method was held according to the theoretical concept of convenience from the book "The Practice of Everyday Life vol. 2", Michel de Certeau, Luce Giard and Pierre Mayol. Although the life history of the transsexual researched has been marked by the possibility of access to organizational contexts of education and work, she had and has her life managed and legislated by micro-repressions of daily conveniences.

Keywords: Everyday; Convenience; Transsexual; Work.

Maurício Donavan Rodrigues Paniza, Elisa Yoshie Ichikawa, Marcio Pascoal Cassandre



Introdução

Pesquisas que abordam a população transexual, nos Estudos Organizacionais brasileiros, ainda não são muitas, no entanto, pesquisadores como Irigaray (2012), Caproni Neto e Bicalho (2012), Caproni Neto e Saraiva (2014) e Carrieri, Souza e Aguiar (2014), já se dedicaram ao estudo desse grupo social. Nestas pesquisas, relata-se que essas pessoas são vítimas de uma série de violências nos contextos sociais e profissionais dos quais fazem parte, ou pelo menos tentam fazer parte. Por conta da não consonância entre suas identidades civis e de gênero, essas pessoas sequer conseguem acessar o mercado formal de trabalho, e as consequências disso é que, muitas vezes, o único trabalho possível é aquele com prostituição.

Um levantamento feito pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (LAPA, 2013) apontou que 90% da população de mulheres travestis e transexuais do país têm como trabalho a prostituição, o que corrobora as afirmações anteriores sobre a dificuldade de acesso ao mercado formal de trabalho. No entanto, para esta pesquisa, encontramos uma participante transexual, que atua profissionalmente no mercado formal de trabalho, em atividades de contato direto com o público. Diante desta particularidade, o nosso objetivo nesta pesquisa é compreender as práticas cotidianas de conveniência que podem ser percebidas na trajetória de vida desta trabalhadora.

Mas, por que trabalhar com o conceito de conveniência? Esse conceito foi desenvolvido por Pierre Mayol (2011), em pesquisa realizada juntamente com Michel de Certeau e Luce Giard. A conveniência refere-se às microrrepressões cotidianas impostas pelas e entre as pessoas desde quando elas se encontram nos espaços públicos de convivência, na vida organizada. A aceitação dessas microrrepressões está ligada ao recebimento de bens simbólicos futuros, como, por exemplo, a aceitação da convivência no bairro. A pertinência de se estudar o cotidiano sob o enfoque da conveniência em nossa participante de pesquisa está no fato de que ela foi aceita a participar de contextos de educação e trabalho nos quais a maioria das mulheres transgêneros não tem acesso. No entanto, partimos do pressuposto de que ela teve que se sujeitar a essas microrrepressões para sobreviver às violências a que são submetidas as pessoas do seu grupo social nos ambientes organizativos de que fazem parte. Nessa perspectiva, a ideia da conveniência, com a gestão da face pública das pessoas na vida organizada, pareceu-nos plausível para compreendermos a trajetória desta trabalhadora.

Para isso, utilizamos como método a história oral do tipo de vida, por meio da realização de entrevistas qualitativas. A participante da pesquisa tem 21 anos, nasceu em uma cidade de cerca de 12.000 habitantes, e, nesta pesquisa, a chamaremos de Lili. No momento da pesquisa, ela trabalhava em dois empregos: como balconista em uma panificadora e como técnica de Enfermagem, em um hospital confessionnal.

Sendo assim, esta pesquisa está apresentada em seis seções, além desta Introdução. Na primeira realizamos uma breve revisão de literatura sobre a transgeneridade nos Estudos Organizacionais brasileiros, permitindo-nos

compreensões iniciais sobre as relações entre sujeitos transgêneros e trabalho. Na seção seguinte, abordamos o conceito de conveniência no cotidiano, que é a base teórica da pesquisa de campo. Em seguida, trazemos o percurso metodológico da pesquisa. Por fim, apresentamos os resultados, por meio da história de vida da trabalhadora pesquisada, seguidos das considerações finais do trabalho.

Ser Mulher Transexual: Vida e Trabalho

Afinal, o que define o gênero de um sujeito? O biológico? O social? O identitário? O assunto é complexo, e muitas respostas são possíveis, a depender da perspectiva teórica na qual o pesquisador se encontra. Neste artigo, partimos da concepção feminista pós-estruturalista (ALVESSON; BILLING, 1997), em que existem formas fragmentadas e diversas de se viver o gênero, de ser homem e de ser mulher. Portanto, as identidades de gênero não se limitam às características biológicas.

No entanto, ao nos colocar defronte às pesquisas já realizadas nos Estudos Organizacionais sobre a chamada população 'T', que na sigla LGBT refere-se à população travesti e transexual, percebemos que não há um consenso sobre os limites que separariam travestis de transexuais. Mesmo a sigla LGBT já admite variações como LGBTQ, pois incluiria as pessoas com identidades *queers*¹.

Ao estudar as violências interpessoais vividas em contextos de trabalho, Caproni Neto e Bicalho (2012) delimitaram seu estudo em sujeitos não heterossexuais. Na apresentação dos resultados, distinguem-se então sujeitos gays, bissexuais, lésbicas, travestis e transexual feminina não operada, hermafrodita ou intersexual, sem, no entanto, aprofundar-se no significado dado a essas terminologias.

No que diz respeito à uma definição para a mulher transexual, a pesquisa de Irigaray (2012), o divisor entre travestis e transexuais seria a intervenção cirúrgica para mudança de sexo. No caso, travestis seriam aqueles indivíduos que nasceram com um sexo biológico, mas, se identificam por outro, sem, no entanto, terem passado pela intervenção cirúrgica de troca de sexo. E as transexuais seriam aquelas que se submeteram a tais intervenções.

Por outro lado, o trabalho de Jesus (2012, p. 15), não entende a questão da transexualidade nesta perspectiva. Para ela, a identidade transexual não estaria relacionada à intervenção cirúrgica para redesignação sexual. Na concepção da pesquisadora, a mulher transexual é “toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher”, e o homem transexual é “toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem”.

Na pesquisa de Carrieri, Souza e Aguiar (2014) também surge essa dúvida em relação à terminologia que seria mais adequada: travesti ou transexual? Os autores expõem, portanto, a possibilidade de utilização da terminologia transgênero. Pois, conforme Jesus (2012), o termo transgênero consegue incluir, também, as outras possibilidades de gênero, pois além das travestis e transexuais, há os sujeitos que estão em transição, e aqueles que não se

1 Em relação à analítica de gênero *queer* nos Estudos Organizacionais, destacamos o ensaio de Souza e Carrieri (2010).



identificam com nenhum dos gêneros identificados. E nenhuma identidade de gênero pode ser considerada correta sobre as demais.

Nesta pesquisa, a entrevistada, nascida pertencente ao gênero biológico masculino, embora ainda não tenha passado pelo processo de intervenção cirúrgica para mudança de sexo, autodenomina-se como uma mulher transexual, e vai ao encontro da definição de Jesus (2002), que adotamos nesta pesquisa. Embora nossa participante tenha preferido não se submeter à cirurgia de redesignação sexual, ela passou por uma intervenção cirúrgica para implante de próteses de silicone, porque, nas palavras dela, em entrevista, os seios maiores lhe dariam características femininas.

Debatida a terminologia adotada na pesquisa, cabe abordar sobre as relações que a população transexual estabelece com o mercado formal de trabalho e a sociedade. Nos trabalhos de Caproni Neto e Bicalho (2012, p. 02) e Irigaray (2012), embora as travestis e transexuais acessem, com dificuldade, o mercado de trabalho, a presença delas neste espaço se dá em setores específicos como em estabelecimentos comerciais que atendem ao próprio público LGBT, ou em salões de beleza. Quanto ao acesso ao mercado formal de trabalho, ele é ainda mais dificultoso e, nestas pesquisas, restringem-se a “posições operacionais em setores específicos, como entretenimento, lazer e beleza (...) que exigem pouca educação formal”. Ainda assim, o mercado da prostituição ainda é a única opção para muitas delas, porque elas não têm apoio de suas famílias, nem da sociedade. Nos resultados da pesquisa, diante das violências vividas pelos não heterossexuais no mundo do trabalho, Caproni Neto e Bicalho (2012) apontam que são necessárias outras pesquisas que debatam a inclusão destes sujeitos no ambiente e no mercado de trabalho.

Já o estudo com maior número de sujeitos pesquisados foi o de Carrieri, Souza e Aguiar (2014), em que foram investigadas sessenta e cinco pessoas, entre lésbicas, travestis e transexuais. Os autores referenciam que, tratando-se de questões LGBT, ainda são predominantes abordagens em relação aos gays, e que lésbicas, travestis e transexuais, muitas vezes, se sentem excluídas dessa sigla. Por isso, a escolha destes sujeitos possibilitaria a expansão do campo de estudos nesta temática. Outra questão levantada pelos autores é a própria dificuldade em abrigar os diversos públicos à sigla LGBT, justamente por conta da diversidade.

Nesta pesquisa, os autores discutiram as violências simbólicas e interpessoais que são vividas por esses grupos, por meio de uma abordagem da diversidade crítica, em oposição à gestão da diversidade. Inclusive, o exemplo ilustrado pelos autores ajuda a compreender a diferença entre essas duas diversidades: é mencionado que muitas empresas têm preferido contratar trabalhadores homossexuais masculinos, por conta desses não viverem as limitações trazidas pelo casamento e da paternidade. Por isso, sob esta perspectiva, a diversidade “é usada apenas como um significante despolitizado, em que a justiça social é suprimida por discursos de vantagem competitiva, performance e lucro, chegando-se ao ponto, por exemplo, de (...) criarem modelos para gerir a diversidade” (CARRIERI, SOUZA, AGUIAR, 2014, p. 84). No entanto, não há um compromisso genuíno com a inclusão e a redução das desigualdades. Por isso, os autores são combativos em relação à essa abordagem.

Dessa forma, essas pesquisas mencionadas anteriormente, dão pistas iniciais sobre a situação das mulheres transexuais no mundo do trabalho: uma situação em que, muitas vezes, as violências vividas na sociedade estendem-se às experiências vividas em contextos organizacionais, impedindo-as de participar da vida social organizada compartilhada pela maioria das pessoas. Mas, como será que uma trabalhadora transexual lida com essas questões quando consegue ter acesso a contextos dessa vida social organizada, como os de educação e trabalho formal, que são negados à maioria das pessoas trans? Entendemos que o conceito de conveniência pode ser um caminho para tentarmos entender a questão.

O Cotidiano em Pierre Mayol: Apontamentos Iniciais sobre a Conveniência

Neste tópico, apresentaremos o conceito de conveniência, cunhado por Pierre Mayol (2011), no segundo livro de *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar* (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2011), que é o elemento norteador da pesquisa de campo realizada neste trabalho. O ponto de partida de Mayol (2011), para discutir a conveniência, veio do estudo das artes de morar na cidade, a partir da observação das práticas culturais das pessoas.

A discussão sobre a conveniência (MAYOL, 2011) parte de uma problematização sobre o articular da organização da vida cotidiana em dois registros: o primeiro relacionado aos comportamentos visíveis no espaço do bairro, como as vestimentas, as conversas, os cumprimentos, os registros do corpo, e os espaços a se frequentar e evitar; o segundo está ligado aos benefícios simbólicos potenciais a partir do momento em que as pessoas descobrem o ‘jeito certo’ de se comportar no bairro. Com isso, adequar-se às condutas desejadas pelo espaço público implica em retornos compensatórios. Perceber essas questões, conforme Mayol (2011), depende da interpretação das formas de como esse espaço público é consumido. É da articulação desses dois registros que o autor apresenta um conceito inicial sobre a conveniência.

A conveniência é grosso modo comparável ao sistema de “caixinha” (ou “vaquinha”): representa, no nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados. Por esse “preço a pagar” (saber “comportar-se”, ser “conveniente”), o usuário se torna parceiro de um contrato social que ele se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana (MAYOL, 2011, p. 39).

Para compreender o funcionamento dessa conveniência na vida dos usuários da cidade, Mayol (2011) estudou uma família operária, no bairro Croix-Rousse, em Lyon. Não interessou ao estudo de Mayol (2011) a personalidade dos membros da família e as relações mantidas entre eles, porque essas questões não o ajudariam no objetivo de compreender a

conveniência. Interessava ao autor descrever e interpretar como as pessoas da família se apropriavam do espaço urbano no bairro, e como as trajetórias dessas pessoas eram balizadas pelas outras pessoas, conforme as necessidades do momento, ou seja, conforme as conveniências.

Nesse sentido, ao estudar as apropriações da família francesa no bairro, Mayol (2011) percebeu que as relações estabelecidas por um indivíduo no bairro são marcadas por obrigações. Ele alerta, no entanto, que o estar obrigado não pode ser entendido apenas do ponto de vista repressivo, mas, também, pelo fato de que essas obrigações estabelecem laços e vínculos. Porém, esses vínculos trazem consigo uma face repressora, por conta de que as práticas no bairro são acordos simbólicos tácitos, legíveis e que devem ser aceitos por todos. Aqueles que não os aceitam, chamados de excêntricos, correm o risco de serem excluídos. Por isso, a face pública das pessoas no bairro está coagida a um acordo de convivência coletivo, de forma a possibilitar que essa convivência, no espaço deste bairro, seja possível para todos.

Assim, no trânsito pelas ruas e nos espaços sociais, os sujeitos devem, além de saber aquilo que convém ao local em que se encontram, evitar “dar muito na vista” (MAYOL, 2011, p. 50). O autor explica que os desvios que podem ser vistos, especialmente relacionados ao vestuário, vão de encontro a uma “integridade simbólica”. Isso tem consequências na esfera linguística, pois o sujeito que protagoniza o desvio, é julgado na esfera ética, em termos de “qualidade” moral. No exemplo dado pelo autor, as mulheres, ao desviarem-se do padrão social e de vestuário esperados por determinado espaço social, podem ser taxadas como sexualmente promíscuas.

Porém, essa conveniência não funciona somente do ambiente social para o sujeito, pois, conforme Mayol (2011, p. 50), “do ponto de vista do sujeito, a conveniência repousa em uma legislação interna, que pode resultar numa fórmula única: “O que é que vão pensar de mim?”, ou, então “O que é que os vizinhos vão dizer?”. Assim, o bairro é um “palco diurno”, em que cada pessoa é identificada no papel que lhe é atribuído, e quando esse papel é consonante às conveniências exigidas pelo bairro, trata-se de um refúgio em que os membros desse bairro podem se abrigar e, assim, continuar a usufruir dos benefícios simbólicos de estarem adequados às convenções coletivas tácitas do bairro.

Outros comportamentos inerentes à conveniência são a tagarelice e a curiosidade, que podem ser caracterizadas como práticas relacionadas ao estranhamento decorrente da inserção de novos membros no espaço do bairro. Tratam-se de práticas fundamentais na prática cotidiana da cidade. Fundamentais porque são o combustível para a manutenção das relações entre vizinhos e porque, a todo momento, intencionam extirpar as estranhezas contidas no bairro. A tagarelice (MAYOL, 2011, p. 51) “mede tudo pela régua da conveniência”. Com isso, pode-se depreender que a tagarelice e a curiosidade funcionam como mediadoras que trabalham para a manutenção dos contratos tácitos de convivência do bairro, pondo em evidência as pessoas e comportamentos indesejados, e que o são justamente porque são vistos como ameaças à ‘harmonia’ desses contratos tácitos.

Outros elementos considerados por Mayol (2011), para explicar a

Maurício Donovan Rodrigues Paniza, Elisa Yoshie Ichikawa, Marcio Pascoal Cassandre



conveniência, dizem respeito ao consumo e à postura do corpo. Nessa perspectiva, consumir é muito mais do que apenas comprar bens e alimentos. Quando se é um bom cliente, se é bem servido. Há uma aura ao redor do ato de comprar, que diz respeito à fidelidade. No ato de consumo, há um processo de reconhecimento balizado pela conveniência. A distância entre aquilo que um comerciante diz e aquilo que cala a determinado cliente expande a conveniência. E, nesse contexto, o fator tempo assume uma relevância, porque é o tempo que permite ao consumidor fazer exigências ao comerciante, por meio dos costumes. O consumo, na perspectiva da conveniência, é, portanto, um registro da sociabilidade dos usuários.

Por fim, a conveniência é apresentada por Mayol (2011) sob o estatuto do discurso sobre a sexualidade, o duplo sentido e o pudor. Na convivência do bairro, há um código de polidez por meio do qual se destacam as pessoas das mais vulgares às mais refinadas. Em relação às moças, existem diferentes tipos de olhares que elas recebem dos rapazes, cujas reações dependem do que a conveniência lhes impõe: se aceitam, se se aborrecem, se são indiferentes, todas essas ações e reações respondem por manifestações sexuadas.

Quanto ao sexo, na conveniência das relações no bairro, é um assunto que só pode ser conversado mediante algumas regras coletivas de convivência, conforme explica Mayol (2011). Na prática cotidiana, os sujeitos podem se valer de palavras e expressões de duplo sentido, embora o pudor e a conveniência imponham alguns limites ao discurso erótico, como por exemplo: não se utiliza determinadas palavras e expressões na frente de crianças e pessoas idosas. Por outro lado, admitem-se certas piadas, desde que os sujeitos não acreditem que tudo é permitido.

Portanto, a partir do que discute Mayol (2011) pudemos compreender, nestes apontamentos iniciais sobre a conveniência, que, ao mesmo tempo em que ela (micro)reprime os indivíduos, se eles abrem mão de determinadas condutas em um momento inicial, é porque podem obter ganhos simbólicos em um momento futuro. É na tentativa de interpretação da vida e das trajetórias da participante da nossa pesquisa que situamos nossas reflexões sobre a conveniência.

Percurso Metodológico da Pesquisa

Utilizamos como método da pesquisa, a história oral, na modalidade da história oral de vida. Conforme Ichikawa e Santos (2006), a defesa da utilização desta abordagem, como método, reside no fato de que ela pode ser o subsídio para interpretar uma realidade, à luz de um referencial teórico específico. Outra contribuição do método histórico oral apontada pelas autoras é que ele permite que se insiram vozes na pesquisa organizacional daqueles que, dificilmente, seriam ouvidos pelas abordagens organizacionais dominantes. Compreendemos que, ao trazermos as experiências de vida e trabalho de uma mulher transgênero, vamos ao encontro dessa contribuição, pois, conforme levantamento bibliográfico que apresentamos na introdução deste trabalho, a população transgênero dispõe de pouco espaço de fala nas pesquisas em Estudos Organizacionais.

Para a coleta de dados junto à participante da pesquisa, utilizamos como

técnica a entrevista qualitativa – em dois encontros, agendados conforme a disponibilidade da trabalhadora. A pré-entrevista, seguindo as recomendações do método, foi realizada por telefone e, nesse momento, esclarecemos os objetivos da pesquisa e a convidamos para participar da nossa investigação.

Após a realização das entrevistas, fizemos a transcrição de suas falas, e de posse deste texto, procedemos à construção da narrativa e à seleção dos fragmentos que nos possibilitaram análises sobre a atuação das conveniências cotidianas sobre a vida da participante da pesquisa. A narrativa foi construída em primeira pessoa, conforme recomenda Meihy (2002), de forma a possibilitar que a participante da pesquisa seja a narradora das suas experiências.

Para a análise dos dados, para seguirmos os pressupostos da adoção da história oral como método (ICHIKAWA; SANTOS, 2006), observamos a base teórica norteadora do trabalho, conforme quadro a seguir:

Quadro 1 – Eixos temáticos de análise das entrevistas realizadas.

Eixos Temáticos	Palavras-Chave
Aspectos Gerais da História de Vida (trajetória)	infância / família / relações / escola / descoberta da transexualidade / assumir a transexualidade
Relações com o bairro / rua / casa	bairro / relações / vizinhos / trânsito a pé / caminhar pelo bairro / receptividade / comportamento na rua / casa onde mora
Trabalho	início / empregos / experiência / ser transexual / chefias / colegas / clientes / permitido e proibido / emprego atual / dia de trabalho normal
Consumo	comércios / tempo / vínculo com comerciantes / experiências de consumo / tratamento recebido
Sexualidade	lugares / homens e mulheres / tratamento / comportamento / linguagem de duplo sentido / linguagem apelativa

Fonte: os autores (2015)..

Assim, a partir da narrativa da história de vida e de fragmentos da transcrição das entrevistas, trabalhamos no sentido de destacar quais momentos relatados do cotidiano de vida e de trabalho da participante da pesquisa pareceram ter sido gerenciados pela conveniência, de que forma ela lidou com essas questões, e se pudemos perceber benefícios simbólicos decorrentes da possível aceitação da nossa participante em relação às microrrepressões impostas pela conveniência.

Ontem, Einar, Hoje, Lili: As Conveniências no Cotidiano de uma Trabalhadora Transgênero

Neste tópico, apresentaremos os resultados da análise de dados. Inicialmente, trazemos a trajetória de vida e profissional do sujeito de

Maurício Donovan Rodrigues Paniza, Elisa Yoshie Ichikawa, Marcio Pascoal Cassandre



pesquisa, construída a partir das falas concedidas nas entrevistas realizadas. Após a apresentação da história de vida, trataremos das conveniências percebidas nessa trajetória, também a partir das falas concedidas em entrevista. Começaremos pela história de vida.

“Meu nome é Lili, mas nasci Einar². Tenho 21 anos. Nasci e moro em uma cidade pequena. Fico pouco em minha cidade natal, porque trabalho em dois lugares em uma cidade maior vizinha da minha. A minha cidade natal não me oferece boas perspectivas profissionais. Já na adolescência, eu comecei a sentir vontade de ser mulher. Desde criança, eu já me considerava diferente e era um menininho afeminado. Eu me interessava mais por objetos femininos, e queria estar entre as meninas na escola.

Desde criança, a minha mãe sempre me apoiou. Ela me disse que, no que dependesse dela, ela ia me ajudar. E o restante da família, apesar de já ter havido situações tristes no passado, como com um irmão que é pastor evangélico e me ofendeu no passado, hoje essa situação já está superada. O meu pai, acho ele neutro, nem contra e nem a favor. Ele não apoia, mas também não critica. Mas o meu amor mesmo é a minha mãe. Ela foi a pessoa que mais me apoiou, me incentivou a estudar para que eu não precisasse me prostituir para sobreviver, como muitas amigas minhas fazem. Consegui concluir os estudos [de ensino básico] na escola [pública] da minha cidade. Fui uma aluna interessada e inteligente e lembro dos meus tempos de escola, dos professores. Dos tempos de escola, lembro como fui uma boa aluna, diferente de um de meus irmãos, que não era um aluno muito aplicado. Eu passava de ano, e ele sempre reprovava.

Quando eu tinha 14 anos, ainda Einar, consegui meu primeiro emprego, como assistente em um salão de beleza na minha cidade. No entanto, fiquei poucos meses porque não me identificava com a profissão, não queria aquilo para minha vida. Então decidi batalhar por outro emprego. Com 16 anos, fiquei sabendo de uma vaga de emprego numa panificadora. Arrisquei tentar e fui contratada. Foi neste trabalho, como balconista na panificadora, que decidi me transformar de Einar para Lili. Para me tornar mulher, fiz um período de tratamento com hormônios, acompanhada por um médico. E tomei a decisão, que foi uma das mais importantes da minha vida: fiz uma cirurgia para pôr silicone nos seios. Para mim, era muito importante poder ter seios, porque é nos seios que está a feminilidade da mulher, entende? Tanto minha mãe quanto a minha patroa da panificadora apoiaram quando eu decidi ser Lili. As duas me disseram que se a transformação fosse me fazer bem, que eu podia ir em frente.

Quando me tornei Lili, continuei trabalhando como balconista na panificadora. Como a minha patroa observava meu esforço e via que eu era competente, ela começou a me incentivar que estudasse para poder ter um futuro melhor, já que ali na panificadora não seria possível ‘me subir’ de cargo. Eu sempre quis estudar Enfermagem, então decidi ir atrás desse sonho. Fiz

2 A escolha pelos nomes Einar e Lili foi inspirada em Lili Elbe. Nascida Einar Wegener, Lili é conhecida como a primeira mulher transgênero a ter se submetido a uma cirurgia de redesignação sexual. Sua vida inspirou o romance ficcional “A Garota Dinamarquesa”, de David Ebershoff, publicado na década de 2000; e adaptado para um filme homônimo, lançado em 2015.

matrícula em um curso técnico, e consegui terminá-lo. Enquanto fazia o curso técnico, conversava com os meus clientes da padaria, e decidi contar sobre o curso a um cliente que era médico. Sempre ia contando pra ele do curso, e um dia contei que já tinha me formado. Ele pediu que eu entregasse uma cópia do meu currículo, para que ele levasse ao hospital onde trabalhava. Fui chamada para entrevista, fiz os testes para contratação, fui aprovada, e contratada como técnica de enfermagem.

Fui a primeira profissional transexual contratada no hospital evangélico da cidade. Havia muitos gays no hospital, mas transexual, fui a primeira mesmo. Fiquei com medo de qual seria a reação das pessoas, e como eles iriam me receber. Mas a recepção foi a melhor possível. Eu fui autorizada a usar o banheiro feminino, e o meu crachá profissional veio assim: “Lili, técnica de Enfermagem”. Agora vou sair da panificadora e pretendo continuar trabalhando no hospital. Ano que vem [2016] começo a faculdade de Enfermagem. Eu acho que vou me sentir muito à vontade com os professores e os coordenadores, mas com os alunos, espero que, no máximo em uma semana, eles já tenham se sentido à vontade por estar comigo dentro da sala. No começo vai ser difícil, uma conversinha aqui, outra ali, mas eu já estou ciente e preparada para isso. Já nasci preparada. Vamos ver no que vai dar”.

A trajetória de vida de Lili parece destoar, relativamente, dos retratos da população transexual apresentados nesta pesquisa: rejeição familiar, exclusão dos ambientes escolares, impossibilidades de construção de uma vida profissional no mercado formal de trabalho, a necessidade de trabalhar com prostituição, ou, então, de trabalhar em setores produtivos em que a presença de transexuais é tolerada, como beleza, entretenimento e as próprias empresas que oferecem produtos e serviços ao público LGBT.

Lili afirma ter recebido apoio familiar da mãe, que a impediu de precisar se prostituir para viver. Conseguiu pensar em uma vida profissional em setores produtivos distantes daqueles que comumente se atribuem às mulheres transexuais. Inclusive, renunciou a possibilidade de uma carreira (determinada) no salão de beleza para isso. Conseguiu concluir a educação básica e técnica e se prepara para ingressar em um curso superior. Portanto, uma trajetória que parece ser atípica, se comparada ao restante da população transgênero. Inclusive, é uma comparação que ela própria faz, ao se lembrar das amigas que não tiveram apoio familiar e precisam se prostituir, ou trabalhar em setores produtivos específicos.

Porém, ao confrontarmos algumas falas de Lili com o conceito de conveniência em Mayol (2011), pudemos perceber que, mesmo ela sendo um sujeito que dispôs de algumas condições para o enfrentamento de uma realidade que é hostil às mulheres transgêneros, ela teve de lidar com uma série de situações que lhe foram impostas pela conveniência, e a reprimiram. A seguir, trataremos de algumas dessas questões. Cabe ressaltar quanto aos resultados, que foram percebidas as conveniências cotidianas, tanto do mundo externo para com Lili, quanto de Lili para com o mundo externo. Iniciaremos pelas primeiras.

A primeira vez em que a conveniência foi percebida na trajetória de Lili, foi aos oito anos de idade, quando ainda era Einar. Ela era uma criança loira e de cabelos compridos. Quando ela saía com o pai, alguns amigos dele o

questionavam sobre a filha que ele tinha. Mas a filha era filho. E o pai ficava incomodado com essa situação, pois o filho não poderia parecer filha. Por isso, para que o filho parecesse um menino, ele cortou o cabelo de Einar na máquina número zero. Na ocasião, Lili disse que sofreu e chorou muito. Essa primeira situação ilustra a conveniência, que primeiro fiscalizou o pai de Lili, e em seguida fiscalizou a própria Lili. Um menino ter o cabelo comprido era uma característica destoante no bairro onde eles viviam. Um menino não poderia parecer mulher. Era preciso dar cabo dessa estranheza.

A conveniência também foi percebida em uma situação vivida por Lili na adolescência, durante a vida escolar. Quando Lili começou a estudar o Ensino Médio, e passou a ter características mais femininas, ela se sentiu constrangida em utilizar tanto o banheiro feminino como o masculino. Por isso, quando precisava utilizar o banheiro, acabava “segurando” e só fazia suas necessidades fisiológicas quando chegava em casa. Ao serem comunicados do ocorrido, os professores chamaram Lili para conversar e propuseram uma solução: ela poderia usar o banheiro dos professores. Reproduzimos o trecho da entrevista abaixo:

Eu preferia não [utilizar o banheiro feminino], porque assim, o banheiro dos meninos, eu já era afeminada, tinha cabelo comprido, porém eu não usava roupa feminina, né, ainda, no Ensino Médio. Eu evitava usar o banheiro dos meninos, porque era constrangedor. Eu não queria usar o banheiro dos meninos. Mas, eu também não usava o das meninas porque eu queria respeitar o espaço delas. Eu achava que usando o banheiro feminino eu estaria privando, tirando a privacidade delas, então eu tentava respeitar. Muitas vezes eu chegava em casa correndo no banheiro porque eu tava morrendo de vontade de ir, mas minha mãe falava: por que você não foi? E eu falava: mãe, eu não consigo. É difícil pra mim (Lili, 2015).

A conveniência presente nessa situação foi tanto do tipo externo-sujeito, como do tipo sujeito-externo. Em relação a conveniência, partindo do sujeito que viveu a situação, as frases destacadas da fala de Lili distinguem o funcionamento em Lili da legislação interna, trazida por Mayol (2011), pois ela se viu 'obrigada' a respeitar um lugar que não lhe era concedido. Por sua vez, a solução proposta pelos professores também parece bastante ligada à conveniência, por conta que evitou que houvesse uma ruptura qualitativa na percepção do meio social em questão, no caso, a escola. Tratou-se do *know-how* social, do saber viver com. E a solução surgida no cotidiano da escola foi a opção por um banheiro “neutro”. No caso, o banheiro dos professores. Entendemos que a conduta da escola foi balizada pela conveniência. E nesta situação, talvez se Lili tivesse decidido por usar o banheiro masculino ou feminino, poderia ter sido hostilizada ou excluída socialmente pelos colegas. Ao recusar esses espaços, Lili sabia que em troca não sofreria constrangimentos ou mesmo violências. A atitude da nossa participante, portanto, também foi marcada pela conveniência.

No ambiente do bairro, a conveniência foi percebida por conta da repressão imposta à Lili, porque as pessoas do bairro não conseguem chamá-la pelo seu

nome feminino. Nesta perspectiva, o bairro toma o papel de gestor simbólico da face pública de Lili, promulgando a norma de que é difícil nominá-la pelo feminino. E Lili aceita as regras do jogo, de forma a obter uma boa convivência do bairro, mesmo não se identificando com essa identidade de gênero imposta pelas pessoas do bairro. O trecho abaixo ilustra a situação:

Lá eles me chamam por 'Nenê', eles não me conhecem como Lili, Lili é (...) mais trabalho. Mas, lá no bairro onde é 'Nenê', 'Nenê', e assim, meu, todo mundo me conhece, a mãe dos meus amigos que estudavam comigo, os meus amigos que hoje são casados, têm filhos, fizeram a família deles. E assim, eu não prejudico ninguém, eu tento estar no meu espaço sem prejudicar ninguém, pelo contrário, eu quero respeitar eles e quero que me respeitem também (Lili, 2015).

No trecho destacado anteriormente, também chama a atenção o funcionamento autorrepressor da conveniência. Lili delimita a existência de um espaço próprio dela, de onde ela não prejudicaria aos outros (a sociedade). O seu desejo em respeitar e ser respeitada e a sinalização de tentativa de espaço próprio parecem ir de encontro a falas que foram recorrentes na entrevista de que as pessoas a aceitam como transexual. Por exemplo, no ambiente escolar, Lili não relatou situação de hostilidade e desrespeito recebida dos professores e colegas. Talvez essas situações não tenham sido relatadas, por conta desta posição que Lili se coloca, uma posição que depende dos outros, e não entenda a situação do banheiro, por exemplo, como um ato violento. Se as falas da Lili parecem indicar que algumas pessoas do seu convívio na cidade natal podem se sentir prejudicadas com a sua presença, não teria havido situações explícitas de violência e transfobia?

A prática da conveniência também pôde ser percebida no cotidiano de Lili, quando ela decidiu procurar um curso técnico em Enfermagem. A primeira opção de curso foi na cidade em que trabalha atualmente, no entanto, por destoar do gênero prescrito por seu documento de identidade, ela passou pela seguinte situação:

Então, eu fui muito bem recebida [no curso técnico de Enfermagem], porque, inclusive, teve um curso que eu nem vou citar o nome, mas eu fiz um teste, eu fiz uma prova, passei com uma psicóloga. Quando foi o primeiro dia que a gente tinha que começar a estudar, eles me barraram porque eu tinha o cabelo comprido, então que se eu quisesse estudar o curso de Enfermagem, eu tinha que cortar o meu cabelo, porque homem era homem e mulher era mulher. Até então eu não falei que queria ir de mulher, eu iria de roupas masculinas se fosse necessário. Mas jamais queria cortar meu cabelo, fiquei muito chateada (Lili, 2015).

O trecho destacado permite a identificação da conveniência relacionada à sexualidade. É relevante destacar dessa situação, que ela foi bastante semelhante àquela que a Lili vivenciou em sua infância, quando também o espaço organizativo em que frequentava exigiu-lhe que ela tivesse uma

aparência não destoante daqueles que são identificados como pertencentes ao sexo masculino. E, nesta situação, novamente, pode ser percebido o funcionamento da legislação interna de Lili, pois para poder ser aceita no ambiente do curso técnico de Enfermagem, ela estaria disposta a 'jogar o perde-ganha', que nessa situação, para ela, seria o 'perde' por de repente ser obrigada a frequentar as aulas usando roupas masculinas. Mas, que poderia, também, ser um "ganho", caso conseguisse concluir o curso, possibilitando o surgimento de oportunidades de trabalho mais vantajosas do que as atuais.

As conveniências também puderam ser percebidas nas situações vividas por Lili no ambiente de trabalho. A primeira delas, na panificadora, está relacionada ao corpo, e foi percebida por conta do tratamento diferenciado que a patroa de Lili fez de sua aparência em relação à aparência das outras meninas, trabalhadoras cisgênero, ou seja, mulheres que se identificam com o sexo biológico de nascimento. No trecho abaixo, a patroa impõe para Lili a maneira que ela deveria apresentar seu corpo na instância organizacional da panificadora, cujo prêmio seria receber o respeito e o reconhecimento, por estar mais discreta, e assim, não causar possíveis transtornos decorrentes do estranhamento dos clientes à aparência de uma mulher transexual.

Poxa, ela pede pra mim não ser muito... usar batom forte, não ter unhas compridas assim, lógico que por questões de higiene, unha comprida não pode, não pode. Pra todas. Mas maquiagem, as meninas vão super maquiadas, e eu amo maquiagem, eu gosto de estar maquiada, gosto de estar bem e ela sempre falava: Lili, não exagera tanto, menos. Lógico que eu não ia por uma sombra escura, preta de manhã, lógico. Jamais. Eu sei até onde eu devo ir. E eu falava: por que eu não e elas sim? Aí ela falava: Lili, eu não sei. Eu não quero que as pessoas tenham uma má impressão, que você esteja com um batom escuro, forte, no seu local de trabalho. Eu quero você uma pessoa assim, mais delicada, mais meiga, e eu quero que você passe essa impressão pros clientes (Lili, 2015).

Ainda no ambiente da panificadora, a conveniência se manifesta por meio do emprego de palavras de duplo sentido e apelativas. Essa conveniência funciona de forma diferente para as trabalhadoras mulheres e para a Lili, como trabalhadora transexual, conforme dá conta o relato abaixo. Por ser transexual, a abordagem erótica e sensualizada dirigida à Lili nos atendimentos na panificadora é mais explícita. Embora o registro da conveniência sexual possua certos limites, que são estabelecidos socialmente, como por exemplo, a supressão do discurso erótico diante de crianças e idosos, no caso de uma mulher transexual, parece cair por terra. Os homens se sentem mais "livres" para abordá-la. Por isso, a fala de Lili destacada abaixo alude ao código da polidez relacionado à forma como a conveniência legisla a diferença entre os sexos. Por conta da familiaridade, a mulher transexual é considerada como mais vulgar, mais 'fácil'.

Minha patroa às vezes fica até meio brava, porque ela fala: meu, os homens mexem muito com você, os homens pedem telefone pra você e

impressionante que eles não fazem isso com as meninas que trabalham na panificadora. (...) Com as meninas, vai uma conversa, e outra e tal. Pra mim não, pra mim eles já pedem para entregar meu telefone, já querem meu telefone, já perguntam tipo se eu tenho namorado, se eu não tenho, entendeu? E para as meninas, não. Rola uma conversa e tal, às vezes até chama para sair. Às vezes pede telefone mas depois de um longo tempo. Entendeu? Teve uma vez que eu tava no caixa da panificadora e chegou um cliente e eu vi que ele ficou olhando demais pra mim. E ele quis ir lá pagar a conta porque eu estava no caixa, pois ele tava com outra pessoa, saiu e tal, ele voltou mais tarde e falou: meu, eu encontrei aqui o que eu queria, eu encontrei aqui o que eu tinha vontade, meu, você é uma transexual, você é bonita, você é inteligente, educada e trabalha: meu, você não faz programa, eu tenho muita afinidade, eu quero conhecer como é, por favor, sai comigo. Por favor, não precisa transar se você não quiser, mas eu quero te conhecer melhor (Lili, 2015).

O fragmento destacado, anteriormente, indica que, mesmo estando em uma situação de trabalho formal, Lili, enquanto mulher transexual, é agredida e violentada. O cliente, enquanto agressor, sinaliza que o padrão social conhecido por ele para uma mulher transexual é o de que provavelmente ela poderia ser ou ter sido prostituta. Nesta concepção dele também pode se perceber o funcionamento da conveniência, pois ele não vê constrangimento em se dirigir à trabalhadora dessa forma, aludindo às questões sexuais. Inclusive, quando ele se utiliza da expressão “se você não quiser”, ao se referir ao ato sexual, ele novamente sinaliza o seu julgamento sobre as mulheres transexuais, porque caso a trabalhadora quisesse ter relações sexuais com ele, não haveria problema. Será que esse cliente tomaria a mesma liberdade de dizer tais coisas a uma trabalhadora mulher cisgênero? Por fim, a última repressão que destacamos, já no contexto de trabalho do hospital:

Ah, sim, 'cochichinho', falar, eu já ouvi muitas vezes a pessoa falar: meu, ela é a menina que o povo tava falando, aquela transex, alguns falam travesti porque não sabem diferenciar. Aquela travesti, aquela que trabalha aqui no hospital, eu já ouvi muitas vezes. Agora mesmo, enquanto eu estava sentada, eu levantei, tinha uns rapazinhos, umas moças, eles comentaram alguma coisa não vi se foi bom ou se foi ruim, mas eu fingi que não ouvi, continuei andando (Lili, 2015).

No ambiente hospitalar, no contexto do novo trabalho de Lili como técnica de Enfermagem, embora ela tenha afirmado que foi recebida bem por todos, por conta de ser a primeira trabalhadora transexual no contexto organizativo da empresa em questão, a conveniência foi materializada por meio da tagarelice. Tagarelice e curiosidade são apontadas por Mayol (2011) como fundamentais na prática cotidiana do bairro, mas, também, se revelam no cotidiano das empresas, conforme a fala destacada anteriormente.

A entrada de Lili no contexto da organização hospitalar pode ser comparada à situação de estranhamento do bairro em relação ao ingresso de pessoas

novas, relatada por Mayol (2011), tendo em vista que a participante de pesquisa foi a primeira mulher transgênero a fazer parte do quadro de trabalhadores da empresa. Por isso, trata-se de uma reação esperada por parte daqueles que, até então, nunca haviam compartilhado o espaço de trabalho com uma pessoa como Lili. É por isso que, para conseguir trabalhar nesse espaço, Lili precisa ter atitudes como a que nos relatou em entrevista: ser indiferente à tagarelice dos outros. Ao fingir que não ouve esses comentários de estranhamento, Lili está sendo conveniente, e em troca recebe a possibilidade de continuar a trabalhar no hospital.

Nesta seção, apresentamos a trajetória de vida da participante da pesquisa e analisamos algumas situações relatadas por ela em que pudemos perceber a interferência das conveniências cotidianas. A história de Lili foi perpassada pelas conveniências desde a infância até os dias atuais, em que ela consegue ser trabalhadora em duas empresas, em atividades que contatam diretamente o público. A forma como Lili lidou com essas conveniências, com uma postura quase sempre de aceitação, é consonante à finalidade de esperar obter, com esse comportamento, benefícios simbólicos. No caso de Lili, esses benefícios simbólicos parecem terem sido convertidos em possibilidades de participação em espaços que, conforme indicamos neste trabalho, seriam de difícil acesso a uma mulher transgênero: escolas e mercado formal de trabalho.

Considerações Finais

Nosso objetivo nesta pesquisa foi compreender as práticas cotidianas de conveniência que pudessem ser percebidas na trajetória de vida de uma trabalhadora transexual. Para isso, utilizamos como método a história oral do tipo de vida, construída por meio da realização de entrevistas qualitativas com uma mulher autodenominada transexual, trabalhadora de uma panificadora e de um hospital profissional.

Os resultados da pesquisa indicam que a trajetória de vida de Lili parece destoar da representação social frequente de mulheres que são transexuais como ela: Lili teve apoio da mãe. Lili pôde concluir o ciclo básico e técnico de ensino, inclusive nesta última etapa já como uma mulher transexual. Lili conseguiu trabalhos em setores produtivos diferentes daqueles que, costumeiramente, são representados como os empregos comuns aos transexuais, como o entretenimento, a beleza, o comércio destinado ao público LGBT, bem como o trabalho com prostituição. Inclusive, durante as entrevistas, Lili comentou sobre suas amigas transexuais que não tiveram a mesma “sorte” dela, e que precisam se prostituir para sobreviver.

Em vários momentos das entrevistas, ela se utilizou de expressões como “fazer as pessoas se sentirem bem comigo”, “eu tenho que respeitar as pessoas” ou “eu sei até onde posso ir”. É por meio dessa conduta de Lili, jogando o perde e ganha legislado pela conveniência, que ela conseguiu um “lugar ao sol” nos espaços organizativos que frequenta. Para poder sobreviver, ela precisa fazer uma série de concessões e se submeter a uma série de outras repressões, questões que apresentamos nas análises dos momentos da história de vida de Lili, destacados nos resultados da pesquisa.

No entanto, embora a trajetória de vida de Lili seja marcada pela obtenção

de alguns ganhos simbólicos, decorrentes do seu consentimento às microrrepressões impostas pelo seu cotidiano, pudemos perceber que ela é vítima das mesmas violências e agressões que são vividas pelas pessoas transgêneros em geral, como a tentativa de enquadrá-la no sexo biológico em que nasceu e a ligação das mulheres transexuais à atividade de prostituição. Tais violências sinalizam que a condição de transgeneridade extrapola as questões organizacionais, porque o trabalho é mais um local, dos muitos locais, em que essas violências acontecem na sociedade.

Já em vias de conclusão, se há poucas pesquisas nos Estudos Organizacionais brasileiros compreendendo participantes transgêneros, esta pesquisa com sujeito único possibilitou que emergissem mais compreensões sobre essas pessoas, no caso da nossa pesquisa, sobre a mulher transexual. Por isso, sugerimos a realização de pesquisas com outros sujeitos transgêneros, para que possam surgir mais compreensões e significados sobre essas vozes. Estendemos a mesma sugestão em relação a pesquisas futuras compreendendo o conceito de conveniência, considerando que em nossa pesquisa lidamos com uma apropriação teórica que ainda nos é inicial, mas, que, também, pode permitir novas possibilidades interpretativas sobre o cotidiano organizado.

Referências

ALVESSON, Mats.; BILLING, Yvonne Due. Different perspectives on Gender. In: ALVESSON, Mats.; BILLING, Yvonne Due. **Understanding Gender and Organizations**. London: Sage Publications, 1997, p. 20 – 48.

CAPRONI NETO, Henrique Luiz. BICALHO, Renata de Almeida. Análise das violências interpessoais vivenciadas por não-heterossexuais. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração, 36, 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2012. 1 CD.

CAPRONI NETO, Henrique Luiz; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Estigma na Trajetória Profissional de uma Travesti. **Teoria e Prática em Administração**, v. 4, n. 2, p. 234 - 256, 2014.

CARRIERI, Alexandre de Pádua; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Estigma na Trajetória Profissional de uma Travesti. **Teoria e Prática em Administração**, v. 4, n. 2, p. 234 - 256, 2014.

CARRIERI, Alexandre de Pádua; SOUZA, Eloisio Moulin; AGUIAR, Ana Rosa Camilo. Trabalho, violência e sexualidade: estudo de lésbicas, travestis e transexuais. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, n. 1, p. 78 - 95, 2014.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, v. 2, 2011.

ICHIKAWA, Elisa Yoshie; SANTOS, Lucy Woellner. Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional. In: GODOI; C. K.; BANDEIRA-DE-

Maurício Donovan Rodrigues Paniza, Elisa Yoshie Ichikawa, Marcio Pascoal Cassandre



MELLO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 181 – 206.

IRIGARAY, Hélio Arthur Reis. Travestis e transexuais no mundo do trabalho. In: FREITAS, M. E.; DANTAS, M. **Diversidade sexual e trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. E-book. Brasília: EDA/FBN, 2012.

LAPA, Nádia. O preconceito contra transexuais no mercado de trabalho. **Revista Carta Capital**, São Paulo: 31 out. 2013. Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-para-que/o-preconceito-contra-transexuais-no-mercado-de-trabalho-2970.html>>. Acesso em janeiro de 2016.

MAYOL, Pierre. A Conveniência. In: CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, v. 2, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MULLER, Magnor Ido; KNAUTH, Daniela Riva. Desigualdades no SUS: o caso do atendimento às travestis é ‘babado’! **Cadernos EBAPE.BR**, v. 6, n. 2, art. 1, p. 1-14, 2008.

SOUZA, Eloisio Moulin; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A analítica Queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, n. 3, p. 46-70, 2010.

Recebido em 22 de maio de 2016.

Aceito em 17 de junho de 2017.

Maurício Donovan Rodrigues Paniza, Elisa Yoshie Ichikawa, Marcio Pascoal Cassandre